

## **A RESISTÊNCIA DA MORTE BARROCA EM CUMARU: COMO O IMAGINÁRIO FÚNEBRE DO SÉCULO XIX CONTINUA ARRAIGADO NA MENTALIDADE COTIDIANA DA CIDADE**

ALYNNE CAVALCANTE BEZERRA DA SILVA<sup>1</sup>

VALDICÉIA GOMES BEZERRA<sup>2</sup>

### **RESUMO:**

Velar seus mortos é uma tradição social que ultrapassa gerações. Contudo, conforme o tempo passa, essas tradições se adaptaram às necessidades de cada época. O grande choque de mudanças ocorreu no século XIX com a proibição dos enterros dentro das igrejas. Utilizando o exemplo de Cumaru, cidade do interior de Pernambuco, será possível compreender que as grandes mudanças e inovações na sociedade não foram fortes o bastante para abalar a cultura fúnebre tradicionalista, proposta pelo catolicismo.

Palavras-Chave: Catolicismo. Morte. Ritos Fúnebres.

### **ABSTRACT:**

Watch over their dead is a social tradition that goes beyond generations. However, as time passes, these traditions have adapted to the needs of each era. The big shock of changes occurred in the nineteenth century with the prohibition of burials within churches. Using the example of Cumaru, town in Pernambuco, will be possible understand that the great changes and innovations in society were not strong enough to shake the traditionalist funeral culture, proposed by Catholicism.

Keywords: Catholicism. Death. Funeral rites

---

<sup>1</sup>Licenciada em História pela Fundação de Ensino Superior de Olinda – FUNESO, e pós-graduanda em História do Brasil pela FAINTVISA. E-mail: lynn\_glommy@hotmail.com

<sup>2</sup> Idem acima. E-mail: valdiceia.bg@gmail.com

## INTRODUÇÃO

No século XIX a vida das pessoas era voltada para a igreja. Essa, por sua vez, ditava uma série de dogmas e preceitos para reger a vida, entre eles, os rituais fúnebres que determinavam os moldes de uma boa partida para o além.

Desde o nascimento, o novo ser, através da família, cumpria o primeiro ritual de preparação para a boa morte com o batismo, o qual o torna cristão habilitando-o para o cumprimento de uma série de outros rituais ao longo da vida.

Entretanto, ao longo do século XIX, muitas práticas começaram a ser questionadas por serem consideradas insalubres, causadoras de danos à saúde pública.

Analisando a cultura fúnebre oitocentista e todas as etapas que o moribundo era submetido desde a sua convalescência até a sua morte, será observado como esta cultura está ligada diretamente ao catolicismo, já que este, desde o advento do cristianismo tem ditado os padrões de um bom viver e de um bom morrer.

Na atualidade, muitos desses ritos se perderam ou ganharam uma nova roupagem, porém prevaleceram em algumas cidades do interior de Pernambuco. Diante disso, o presente artigo irá abordar a pertinência dessa cultura fúnebre como um fator que caracteriza a sociedade e a mentalidade do povo.

A cidade pesquisada para mostrar a permanência desses rituais fúnebres foi Cumarú, que fica a 121 km da capital, Recife.

A cultura fúnebre de Cumarú é baseada em uma forte presença da religião católica, repleta de simbolismos e crenças. E é através desses elementos que será possível demonstrar que diversas representações do século XIX continuam a ser mantidas no século XXI.

A localidade de Sítio Pilões, região da cidade pernambucana analisada, é o retrato da permanência dessa cultura fúnebre, onde mortos e vivos dividem o mesmo espaço dentro da igreja, na ocasião das celebrações religiosas.

Através do uso de entrevistas com os habitantes sobre a tradição local e da análise da mentalidade da morte no século XIX através de João José Reis, Phillippe Ariès e Vanessa

de Castro, será possível penetrar no universo tradicional que rodeia a cultura fúnebre cumaruense.

## 1 A CULTURA FÚNEBRE OITOCENTISTA

Na antiguidade histórica, o mundo dos vivos e dos mortos estava separado. Para tanto, havia as chamadas “necrópoles” onde eram feitos os enterramentos. Porém, mais tarde com o advento do Cristianismo, esses dois mundos se misturaram. Vivos e mortos passaram a ocupar o mesmo espaço, pois os enterramentos eram feitos dentro das igrejas, obedecendo a uma hierarquia social, prática que durou por muito tempo.

Essa cultura era alimentada pela Igreja Católica Cristã, religião predominante no Brasil oitocentista, determinando aos fiéis uma vida dentro dos seus moldes. Assim, a vida na Terra seria uma preparação para a morte e essa morte barroca vai ditar em detalhes um “manual” para uma boa partida.

Ter um funeral de acordo com os pormenores da morte barroca era uma preocupação que atingia todas as camadas sociais, desde os mais ricos até os escravos, entretanto nem todos tinham condições financeiras para arcar com os gastos do velório, que muitas vezes, comprometia boa parte dos bens do falecido, mas isso não era um problema para os vivos, já que um funeral pomposo era motivo de grande honra para a família no momento da última despedida:

*A produção fúnebre interessava sobretudo aos vivos, que por meio dela expressavam suas inquietações e procuravam dissipar suas angústias. Pois embora variando em intensidade, toda morte tem algo de caótico para quem fica [...] se a ordem perdida com a festa retorna com final da festa, ordem perdida com a morte se reconstitui por meio do espetáculo fúnebre, que preenche a falta do morto ajudando os vivos a reconstruir a vida sem ele.*(REIS, p.138, 1991).

Contrariando o jargão de que “Com a morte todos se tornam iguais”, há o Brasil oitocentista, o qual apresenta lugares das sepulturas e até mesmo igrejas totalmente

hierarquizadas. Um exemplo disso eram os túmulos no interior dessas igrejas que, a depender do local, eram restritos ao clero e à nobreza.

## 1.1 A boa partida

Para se ter uma boa morte era preciso seguir o chamado “modelo de morte assistida”.

Uma das primeiras etapas da boa partida é a elaboração do testamento, pois era nele que o jacente exprimia o seu desejo sobre como queria ser sepultado, a escolha da irmandade, o tipo e a cor da mortalha, a quantidade de missas de corpo presente, de badaladas nos sinos das igrejas e de pobres que deveriam acompanhar o cortejo. Além disso, nele também havia menção sobre as dívidas que deveriam ser perdoadas, os escravos que seriam alforriados e as doações para a Igreja. Diversos eram os desejos, e se tornava uma missão para os vivos assim cumpri-los:

*Nos momentos de doenças grave, incurável e fatal, a penitência, a eucaristia e a extrema-unção, administradas com sentidos específicos, eram procuradas pelo doente, no momento em que sentia que era “chegada a sua hora”. À proximidade da morte, a presença do padre era solicitada pelo moribundo, por seus parentes ou amigos, tendo em vista a necessidade de ele entrar em contato “último” e íntimo com Deus, antes da partida. (RODRIGUES, p. 176- 177, 1977).*

Muitas pessoas tinham a preocupação de redigir o testamento ainda com a saúde intacta, outros o escreviam já no leito de morte ou deixavam essa missão para um amigo ou um membro da família.

Ao convalescer, o moribundo era acompanhado em seu leito por seus familiares, amigos, vizinhos e um padre para ministrar o último sacramento: “Segundo as regras da igreja, ao enfermo se devia ministrar a comunhão, se sua condição física permitisse, e a extrema-unção. Esta última era uma espécie de empurrão final para fora do ciclo da vida”. (REIS, p. 103, 1991).

Dado o último suspiro o agora morto passará por uma longa preparação até o momento do seu sepultamento.

Inicialmente o defunto passará por uma arrumação que incluía um banho, vestimenta, corte de unhas e dos cabelos. Posteriormente os parentes devem comunicar o falecimento do ente querido através de convites. Caso pertencesse a alguma irmandade, ela se comprometeria a arcar com o serviço de enterramento. Se o morto não tivesse condições e não pertencesse a nenhuma confraria, o seu sepultamento deveria ser realizado pela Santa Casa de Misericórdia.

Entre os costumes também era indispensável que o morto estivesse com os sapatos bem limpo se sem nenhuma poeira, pois isso poderia dificultar sua entrada no reino do céu. Os pés deveriam estar direcionados para a porta de saída, como figuração ao fechamento do ciclo da vida, pois se ele veio ao mundo com a cabeça, deveria deixar esse mundo com os pés.

Realizados todos os rituais de preparação do defunto, o velório era feito na sua casa. Esse, por sua vez, era um evento aberto a toda a sociedade, com destaque para a participação da família e dos irmãos de confraria.

Ao anoitecer, o cortejo fúnebre saía em procissão da residência do morto em direção à igreja para ser realizado o sepultamento. Neste momento os sinos da igreja tocavam e pela quantidade de badaladas, deduz-se a classe social do mesmo.

Havia também uma participação dos pobres que acompanhavam o cortejo fúnebre mediante pagamento e comida, pois além de engrandecer a cerimônia, o ato era visto como mais um ponto para a salvação.

Chegando à igreja o caixão era colocado sobre o altar e era realizada a missa de corpo presente. Também era a condição social que definia o local da sepultura. Quanto mais rico mais próximo ao altar poderia ficar a cova. Os caixões:

*Ficavam em covas retangulares, com oito a seis palmos de fundo, cobertas com pedra de lioz, mármore ou madeira. As covas eram numeradas, para evitar que fossem abertas aquelas recentemente usadas. Para ajudar o processo de decomposição, cobriam-se os cadáveres com cal. Em seguida jogava-se terra, que era socada com pesadas calceteiras, conforme censuraram vários visitantes do Rio. (REIS p. 175, 1991).*

## 2 CUMARU: UM CENÁRIO DA TRADIÇÃO FÚNEBRE

Cumaru está localizada geograficamente na região agreste do Estado de Pernambuco, distante 121 km da capital e possui uma área total de 292 km<sup>2</sup> com uma população de 17.183 habitantes, essencialmente de religião católica e uma economia predominantemente agrícola.

Ao estudar a cultura fúnebre cumaruense, nota-se imediatamente uma forte influência dos ritos fúnebres do século XIX. Para adentrar nesse universo tradicionalista, foi mister o uso de história oral através da recorrência à memória dos cidadãos e do pároco da Igreja Católica de Cumaru, que inicia sua narrativa afirmando que a continuidade e o apego à tradição fúnebre oitocentista na cidade, dá-se devido à sua economia rural e à quase unânime religião católica entre os habitantes. Mas há que se somar a isso o sentimentalismo em forma de solidariedade para com a família que perde um ente querido:

*Assim sendo, as pessoas que vão aos velórios, não vão por causa do morto, mas pelos vivos que interagem com elas neste espaço. Á vista disso, tais ações são movidas por interesses específicos, como, por exemplo, o desejo de ser observado, enfim, contado entre os da estribe do falecido. (PEREIRA, p. 41- 42, 2010).*

A demonstração desse sentimento é tão grande que acaba unindo os habitantes da cidade, pois a dor da família passa a ser a dor da sociedade. É dessa forma que se mostra o quanto se sente pela morte de alguém.

### 2.1 Os principais rituais

Quando se compara o século XIX com os dias atuais na cidade pesquisada, é possível encontrar inúmeras similitudes. A começar pelo aviso sobre o funeral. No século XIX, o comunicado da morte era feito através de convites, hoje, em Cumaru, esse comunicado é feito em um carro de som. Algumas famílias também usam o carro de som para

convidar para missa de sétimo dia. O prestador desse serviço à sociedade é a prefeitura municipal, pois não há uma empresa privada que ofereça esse trabalho.

A próxima etapa do rito é a preparação da casa. Como o defunto é velado na sala da sua residência, os móveis precisam estar dispostos de forma a dar espaço para que o caixão fique no centro da sala e com os pés voltados para a porta, como no século XIX, para que saia do mundo ao contrário de como veio.

Um elemento muito importante no funeral é o uso de velas acesas todo o tempo em volta do morto, pois elas simbolizam a iluminação do caminho da alma para o além. É importante ressaltar que as velas também estão presentes no momento da morte. Antes dos últimos suspiros, uma vela é posta nas mãos do moribundo para que ele “não morra no escuro”, segundo a crença católica.

Os velórios durante a noite são muito comuns na cidade, contudo o morto não pode passar a noite sozinho, ele é acompanhado por familiares amigos e vizinhos. Rezas, cânticos e terços são celebrados várias vezes durante toda a noite, a quantidade de terço fica a critério da família. Em alguns velórios, durante o terço a reza é voltada apenas para o morto usando as seguintes palavras: “Rogai por ele”.

Durante o velório também é corriqueiro haver mulheres chorando, pois mesmo sem haver nenhum parentesco ou até mesmo amizade, o choro nesse momento é uma forma de demonstrar tristeza e sentimento pela dor da perda. Em pesquisas realizadas por vários historiadores brasileiros e pela memória coletiva da população sabemos da existência “das mulheres choronas” ou “carpideiras”, que choravam mediante pagamento. Na cidade pesquisada não foi encontrado nenhum caso de que se tenha chorado por dinheiro.

Existe em Cumarú mais uma tradição referente aos ritos fúnebres, que não foi encontrada em nenhuma bibliografia. É o fato das pessoas não ingerirem carne durante os velórios. Utilizando a representação da carne como referência ao corpo de Cristo e a sua proibição no período de Páscoa, podemos supor que a ingestão de carne durante o velório é uma violação simbólica do corpo do defunto, estando este costume também ligado a uma cultura católica. Segundo o pároco da cidade o velório é um ritual de constatação da morte para a família, onde o ente querido se apresenta agora apenas como matéria, assim o consumo de carne não é aceito.

Outro costume ainda usado, é que no ato da saída do morto da casa para o cemitério, uma pessoa que não seja da família do falecido, varra a casa começando de traz para frente, simbolizando a expulsão definitiva daquela alma.

Ao final do velório há a tradição de que a pessoa que sai da casa carregando o caixão tem que descê-lo até o túmulo, pois caso contrário o “morto pode voltar para buscar aquele que o deixou na metade do caminho”. Em Reis:

*Diz a tradição que quem carregava o defunto na saída de casa se obrigava a entrar com ele no local de sepultura, sob pena de morte próxima. Se o cortejo parasse em frente a uma casa, um azar fatal atingiria os residentes, lembrando rituais africanos de acusação de feitiçaria. Ao se afastar o defunto, o dono da casa jogava água em sua direção dizia: “Eu te esconjuro! Deus te leve!” (REIS, p. 139, 1991).*

Chegado o momento do cortejo fúnebre, a parada em frente à Igreja Matriz de Santa Terezinha é obrigatória, pois lá, o sino tocará, anunciando de forma mágica a partida de alguém para o além.

Sobre a existência dos ritos fúnebres do século XIX, em Cumaru o padre Raimundo relata algumas dessas permanências e os seus significados. Um deles é quando o caixão desce à sepultura, algumas pessoas presentes pegam terra com a mão e jogam sobre o caixão, lembrando que “do pó viemos e ao pó voltaremos”.

Como de costume, a missa de sétimo dia é celebrada com muita comoção, padre Raimundo fala da necessidade que a família tem de contar como foi a vida do morto na Terra, daí falar para as pessoas presentes na missa o quanto o seu falecido era querido. Sua história de vida é contada, chorada e aplaudida durante a descrição da família. Para o padre José Carlos, a missa de sétimo dia:

*É um elemento valioso porque faz parte da nossa cultura católica, está no imaginário religioso do povo Brasileiro e mesmo os que não pedem missa do sétimo dia para seus mortos, a respeitam. Enfim, designo como tradição a missa de sétimo dia para infundir-lhe significado e historicidade, reconhecendo a continuidade dessa prática (PEREIRA, p. 26, 2010).*

Havia também a missa de corpo presente que já não é mais tão celebrada, estando voltada para velórios de autoridades ou pessoas de mais destaque na sociedade cumaruense. De acordo com padre Raimundo, na cidade de Cumaru, essa celebração foi substituída pela missa de Sétimo Dia.

Devido a grande tradição fúnebre na cidade, o Dia de Finados se transformou em um grande evento social. Ele é celebrado com saudade e tristeza, mas com muita solidariedade, pois as visitas aos túmulos não ficam restritas só as dos parentes. Ao visitar outros túmulos também ocorrem os reencontros com amigos que já não moram mais na cidade. São ocasiões onde a sociedade está ligada por um sentimento coletivo em relação à morte, de saudade e de continuidade de uma vida, onde uma figura que era tão representativa já não se faz presente em matéria.

Como o exemplo da capital pernambucana, em Cumaru, os rituais fúnebres também sofreram algumas mudanças por motivo de saúde pública. Há alguns anos foi proibida a entrada de velórios na Igreja. Padre Raimundo diz que a decisão ocorreu em razão do desconhecimento da doença que causou o óbito. Considerando o risco de contágio os cortejos fúnebres que antes entravam na igreja, hoje ficam restritos à porta. No ano da proibição não houve revoltas, tampouco manifestações.

Os aspectos importantes sobre essa cultura fúnebre é como ela é indispensável nas relações sociais e como ela aproxima as pessoas, pois com a morte, as famílias se unem para chorar a dor da perda, mesmo aquelas que não mantinham contato à longa data, as diferenças são colocadas de lado, e as pessoas se unem para celebrar o último momento da finita trajetória que se faz na Terra.

## 2.2 O velório na perspectiva dos habitantes

Conforme foi aludido, a cidade de Cumaru abriga uma imensidão de detalhes desde a morte até o enterramento do defunto.

É o caso da morte do senhor Oscar Galdino, o qual trouxe à tona a tradição de “beber o defunto”. Essa tradição consistia na ingestão de bebidas alcoólicas durante o velório, mas feita de forma respeitosa, e que, muitas vezes, era previamente solicitada pelo defunto.

Oscar Galdino quando em vida era um senhor muito alegre. Católico praticante, gostava de beber quando gozava de plena saúde. Antes de morrer, fez um pedido para esposa, filhos e amigos que quando morresse, não queria tristeza, pois desejava ser velado com muita alegria e seria de seu gosto que durante a noite entre as pausas das rezas, bebessem sua bebida predileta, a cachaça. Quando o mesmo faleceu vítima de um enfarte fulminante, mesmo com o abalo da morte inesperada, a família decidiu cumprir o pedido. Durante a noite os seus amigos beberam 5 litros de aguardente.

Outra peculiaridade nos rituais fúnebres da cidade são as mortes de crianças. Relatando o enterro dos seus filhos, dona Maria Santina da Conceição residente na zona rural da cidade de Cumaru, fala da morte de seus 12 filhos ainda recém-nascidos como se fosse premiada por Deus, por ter no céu “dois coros de anjos para interceder por ela na hora da morte”. Na ocasião da morte de seus filhos ela mandou comprar o material necessário para elaborar o caixão e mortalha. As flores eram feitas de papel e ornamentavam o caixão. Não houve um cortejo fúnebre.

Também é possível perceber esse simbolismo que envolve a morte de crianças no relato da professora Josefa Brígida Anunciada. Josefa lembra o dia da morte de sua irmã de uma forma muito triste, pois ao chegar a casa depois da aula já encontrou a irmã sem vida. Quando caiu aos prantos, junto aos seus outros irmãos, foi rigorosamente impedida, pois sua mãe a senhora Maria Anunciada da Silva (já falecida), não permitiu chorar pois se tratava de uma criança e não podia ser motivo de tristeza, não tinha pecado, era um “anjo”.

João Jose Reis, quando relata os enterros de criança no século XIX, mostra que essa prática era bem comum. Nos enterros de “anjo” não havia choro e isso vai chocar alguns viajantes, que presenciaram e participaram desses rituais como é caso de Arago quando:

*Foi abordado na rua por um desconhecido que o convidou a ‘acompanhar um pequeno Jesus ao céu’. Ele concordou e seguiu o homem a casa afluente, onde foi levado até uma sala iluminada por centenas de velas. ‘O dono da casa veio beijar-me as mãos e me dá uma vela’, escreveu o viajante que foi sentar-se ao lado de mulheres bem vestidas e falantes. Logo saiu o anjo para uma igreja próxima, onde depois de algumas rezas ficou sobre o altar-mor, e as pessoas, se retiraram. Durante todo o tempo Arago procurou em vão ver lágrimas e saiu com a impressão de ter sido ‘o mais piedoso dentre os assistentes. (REIS, p.139, 1991).*

Segundo o senhor Enoque Caetano da Silva: “um pai não pode enterrar seu filho por que ele vai correr o risco de todos os seus filhos morrerem. Essa função ficava à cargo do padrinho, que conduzia o anjinho até o cemitério, o caixão era colocado sobre o ombro, ou na cabeça, e ele não podia parar durante o seu trajeto. Nos velórios de crianças não havia rezas. Hoje já é possível ver em Cumaru enterros de crianças com rezas ou até com missas de aniversário de morte, um costume muito criticado pelas pessoas mais velhas, que não admitem que se reze para “anjo”. Por haver não pecado, não se faz necessário rezas.

Um caso curioso se deu com a morte do senhor Severino Manuel de Oliveira, morador da Vila Ameixas (Cumaru), onde o trajeto do seu cortejo fúnebre foi modificado para que passasse em frente à igreja local. Sua residência era localizada em frente ao Cemitério Municipal de Vila Ameixas. Quando morreu, o cortejo fúnebre saiu em sentido contrário ao cemitério, com a intenção de passar na frente da Igreja Matriz, que ficava 5 quadras à esquerda do cemitério. O cortejo então parou em frente a Igreja de São Severino, onde os sinos tocaram várias vezes anunciando mais um sepultamento, para enfim continuar o trajeto de volta ao cemitério.

Percebe-se aqui, em apenas alguns casos, como a cultura fúnebre de Cumaru permanece arraigada de tradições e peculiaridades que, para a maioria católica dos habitantes, são indispensáveis para se ter uma boa morte.

### 2.3 Os enterramentos nas igrejas

A localidade de Sítio Pilões, ainda no município de Cumaru, é o retrato da permanência da cultura fúnebre em relação aos enterramentos nas igrejas. Há na região uma igreja que foi construída pelo senhor José Gomes Bezerra, que segundo a memória popular a construção data de 1944, no entanto não existe nenhum documento oficial que confirme tal datação. O que se sabe é que ele a construiu com a intenção de ser sepultado nela com sua esposa e seus filhos, para que permanecessem juntos após a morte.

Os primeiros sepultamentos realizados na capela de São José foram José Gomes Bezerra, nascido no ano de 1882 e falecido em 6 de Fevereiro de 1958, e a sua esposa Antônia Francisca da Conceição nascida no ano de 1876 e falecida em 8 de Maio de 1960. Após o falecimento dos dois fundadores, decidiram que só poderiam enterrar os irmãos quando o

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARÁ

primogênito falecesse, por esse motivo nem todos os filhos do fundador foram sepultados na igreja.

Além de haver uma hierarquia por idade, também acabou acontecendo por classe social, pois a senhora Josefa Bezerra de Vasconcelos, ex-primeira dama da cidade, quando em vida, definiu o seu lugar de sepultamento ao pé do altar em frente a imagem de São Jose, padroeiro da igreja.

A senhora Josefa Bezerra de Vasconcelos, deixou em pedido para a família, o seu desejo de ser enterrada de vermelho. Seu pedido foi atendido, e Josefa, que nasceu em 19 de Julho de 1945 e faleceu em 4 de Dezembro de 1997, foi sepultada vestida de vermelho e com rosas de mesma cor, em frente ao altar junto a imagem de São José. Na igreja de São José, encontra-se sepultados 10 corpos. São eles:

<b>Falecido</b>	<b>Nascimento</b>	<b>Morte</b>
José Gomes Bezerra	1882	06/02/1958
Antônia Francisca da Conceição	1876	08/05/1960
Severino Gomes Bezerra	01/01/1907	28/12/1978
Maria Pereira do Espírito Santo Bezerra	08/12/1912	09/08/1987
Joaquim Gomes Bezerra	03/1916	24/01/1984
João Gomes Bezerra	29/06/1918	31/03/1997
Josefa Bezerra de Vasconcelos	19/07/1945	04/12/1997
Jose Cristiano Gomes Bezerra	24/04/1958	01/06/2006
Pedro Gomes Bezerra	19/10/1921	18/10/2003
Jose Lucílio Gomes	30/08/1954	28/03/2008

Quadro 1: Relação dos enterrados na Igreja de São José, Cumaru - PE

Por ser uma capela pequena e todas as covas serem feitas no chão do interior da igreja, o piso se tornou repleto de sepulturas.

Sobre eles são colocados os bancos, diferente do século XIX onde as pessoas tinham que sentar diretamente sobre as covas.

Como a igreja só é aberta nos dias de missas ou terços, durante essas celebrações os fiéis relatam que a igreja exala um odor fétido que sai do chão e corrompe todo o ar, sendo comum durante o mês de maio, quando o clima é mais frio devido o período das chuvas, na

ocasião da celebração do mês mariano, aparecer pequenas fendas no chão permitindo a saída de insetos. Há uma crença de que quem está com algum tipo de enfermidade na pele ou cirurgia quando entra na igreja, ocorrem inflamações.

Pelo fato de não haver outra igreja na localidade de Sítio Pilões, as missas e até casamentos foram celebrados com a terra sobre as covas, pois o piso de cimento é removido do local onde é depositado o féretro e só então é colocado de volta após a terra baixar, e são necessários alguns meses para que isso ocorra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a morte consiste em entender a sociedade e sua dinâmica, pois são nos rituais de despedidas que se pode analisar a mentalidade e as tradições religiosas a que fazem parte determinado grupo.

Utilizando o exemplo de Cumarú, se pôde perceber que, ao contrário das grandes metrópoles, há uma resistência popular nas cidades do interior do Estado em manter as tradições fúnebres, independente da condição social, pois do mais pobre ao mais rico a morte é um rito de passagem, e como tal, deve ser cumprido integralmente.

O século XIX deixou marcas profundas na cultura fúnebre interiorana. É tanto que no século XXI, ainda há uma grande preparação para o momento da morte, e deixar de cumpri-la pode custar o destino da alma, ou, para os menos católicos, a reprovação da sociedade. Até mesmo a ausência em um enterro de um desconhecido pode naturalmente ser considerada uma ofensa para a família.

Manter essa tradição (apesar da notável “reformulação” de alguns rituais) é tão importante na cidade, que os habitantes fazem questão de que ela seja repassada de geração em geração, para que a cultura da cidade permaneça viva. É aí que se percebe a continuidade da história se fazendo presente no estudo da morte e interligando passado e hodierno em uma mesma dimensão. É a junção do mundo dos mortos e vivos, em busca de elementos que os tornem imortalizados, onde os seus atos vão direcionar a salvação da alma, que será feita através dos mandamentos da sua religião, ditando assim, o modelo de vida e da “boa morte”.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Atravessando o tempo, o século XIX se faz presente no século XXI, com sua cultura mortuária arraigada no interior do estado de Pernambuco.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, PHILLIPPE. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CASTRO, Vanessa. **Das Igrejas ao Cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX**. Recife: Fundação da Cultura da Cidade do Recife, 2007.

PEREIRA, Padre José Carlos. **Missa do Sétimo Dia**. Uberlândia: Partilha, 2010.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos Mortos na Cidade dos Vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.